

1. “EIS O TEMPO FAVORÁVEL”¹

1. AS VOCAÇÕES: UM ASPECTO QUE NOS FAZ PENSAR. – Um momento fecundo. – Em sintonia com a Igreja. – A orientação vocacional da nossa renovação pastoral. – Uma nova aproximação.

2. A COMUNIDADE SALESIANA: ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E PROPOSTA VOCACIONAL. – A lógica do “Vem e vê”. – A força vocacional da vida da comunidade. – A ação pastoral das comunidades. – Acompanhar. – Algumas áreas de atenção especial. – **O anjo anunciou a Maria.**

*Roma, 8 de setembro de 2000
Festa da Natividade de Maria*

Queridos Irmãos,

É impossível, iniciar esta carta sem apresentar-lhes uma palavra sentida de agradecimento pela proximidade fraterna e pela oração por ocasião da prova que o Senhor predispôs para mim.

Ele quis que resultasse de tudo uma maior união fraterna na Congregação e na Família Salesiana e que todos conhecessem o nosso irmão coadjutor Artêmides Zatti, para cuja beatificação já se realizaram substancialmente todas as condições. Logo, portanto, o veremos nos altares.

Esta carta quer continuar o tema capitular da presença e vida da comunidade salesiana e ser-lhes de ajuda nas reflexões durante os Capítulos Inspetoriais e, mais tarde, no Capítulo Geral.

¹Cf. 2Cor 6,2.

Já individualizáramos três dimensões em que a comunidade salesiana deve qualificar-se e apresentar-se visivelmente no ambiente: a vida fraterna, o testemunho dos valores evangélicos, a acolhida dos jovens e dos pobres.

1. AS VOCAÇÕES: UM ASPECTO QUE NOS FAZ PENSAR

Entre os temas, nos quais a Congregação se manifestou muito sensível no momento da consulta sobre o assunto do próximo Capítulo Geral, havia também o da nossa capacidade de suscitar vocações. E não erradamente. O tema foi sempre um aspecto qualificador do nosso testemunho e, por isso, retomado abundantemente com diversas acentuações no CG24: a nossa formação para o discernimento vocacional²; a promoção vocacional unitária na Família Salesiana³; a comunidade salesiana capaz de promover a vitalidade do carisma e o dinamismo vocacional, porque o vive em profundidade, consciência e radicalidade⁴; a recomendação de um acompanhamento que torne a propor as motivações vocacionais na CEP⁵. Tratava-se, pois, de uma matéria posta à atenção, a retomar.

Com mais clareza e determinação, o CG23 colocara a vocacional como uma das áreas inevitáveis de trabalho em nosso caminho de fé com os jovens⁶ e como uma dimensão qualificadora da Espiritualidade Juvenil Salesiana⁷.

Queremos rever, no interior do tema do CG25, que se refere especificamente à vida e missão de nossas comunidades, as condições de vida e ação que podem favorecer uma experiência alegre e encorajadora da vocação, uma existência que seja testemunho e profecia, um ambiente que se torne apelo vocacional para todos os que se sentissem atraídos pelo espírito e pela missão de Dom Bosco.

² Cf. CG24, 141-142.

³ Cf. CG24, 143,146.

⁴ Cf. CG24, 159.

⁵ Cf. CG24, 165.

⁶ Cf. CG23, 149-157.

⁷ Cf. CG23, 178-180.

A preocupação vocacional foi, de fato, uma das pistas que levaram à escolha do tema do Capítulo. A crise das vocações à vida consagrada, que estamos experimentando em boa parte da Congregação e da Igreja é, de certa maneira, “uma cura” salutar, no sentido de obrigar-nos a rever a qualidade de nossa vida pessoal e comunitária, o significado de nossas estruturas e de nossa organização, a possibilidade de ainda sermos hoje significativos e capazes de propostas.

Os jovens precisam de testemunhas, de pessoas e ambientes que mostrem, através de exemplos, as possibilidades de organizar a vida segundo o Evangelho em nossa sociedade. O testemunho evangélico é o primeiro serviço educativo a oferecer-lhes, a primeira palavra de anúncio do Evangelho.

Esta carta quer ser uma contribuição à revisão que as Inspetorias devem fazer. Ela quer oferecer, também, alguns elementos de iluminação para encorajar o muito que já se faz, estimular cada comunidade e irmão a empenhar-se em primeira pessoa no testemunho e proposta vocacional, e abrir horizontes para que a nossa pastoral não se limite a propostas genéricas e superficiais de empenho vocacional, nem se reduza apenas à busca de candidatos à vida salesiana fora de nossos ambientes.

O tema das vocações brotou, freqüentemente, como primeiro interrogativo ou preocupação, nos diálogos que travei com os irmãos durante minhas visitas; e não só por medo de nos extinguirmos em vastas regiões do mundo norte-ocidental, em que se constata a cada ano diminuição, envelhecimento e ingressos exíguos; talvez porque, na infecundidade vocacional se manifeste de modo vistoso seja a escassa força de atração de nossas comunidades, como também o modesto nível de profundidade da vida cristã que propomos aos jovens.

As perguntas dos irmãos voltavam-se sempre, de modo particularizado, à fecundidade vocacional de cada parte do mundo; às possibilidades de ainda ter vocações para a vida consagrada nos ambientes assim chamados fortemente secularizados e de bem-estar, marcados pela liberdade, pelas múltiplas oportunidades dos jovens, pelos projetos temporais de vida; às condições exigidas para

garantir a autenticidade e perseverança nos contextos marcados pela religiosidade popular, pela condição demográfica ainda numerosa ou pelas perspectivas limitadas de vida para os jovens. Muitos pediram para inserir esta perspectiva na reflexão sobre a comunidade no próximo Capítulo.

Essa preocupação, por outro lado, está na linha do que afirmam as nossas Constituições, que colocam a promoção das vocações entre as *finalidades da nossa missão*: “Fiéis aos compromissos que Dom Bosco nos transmitiu, somos evangelizadores dos jovens, especialmente dos mais pobres; cultivamos de modo particular as vocações apostólicas”⁸.

O art. 28 confirma-o, no capítulo que se refere aos nossos destinatários principais: “Respondendo às necessidades de seu povo, o Senhor continuamente e com variedade de dons chama a segui-lo para o serviço do Reino. Estamos convencidos de que muitos dentre os jovens são ricos de recursos espirituais e apresentam germes de vocação apostólica. Ajudamo-los a descobrir, acolher e amadurecer o dom da vocação laical, consagrada, sacerdotal, em benefício de toda Igreja e da Família Salesiana. Com igual solícitude cuidamos das vocações adultas”⁹.

Todo salesiano é, então, um descobridor e acompanhante de vocações. Cada comunidade tem esta, entre as suas finalidades principais. Deve-se submeter esse “ditado” constitucional à revisão para ver se ele orienta a ação de cada comunidade em cada Inspetoria, e se inspira a ação de cada irmão. Ou se, diversamente, somos tão pouco instruídos e atentos sobre a vocação e os caminhos que tornam possível uma decisão evangélica a ponto de não conseguir levar ao amadurecimento os germes que se tinham individualizado nos primeiros encontros.

O segundo fato é a fileira de sacerdotes e religiosos saídos do Oratório, de que Dom Bosco mesmo apresenta com alegria e orgulho a estatística, como sinal da boa formação cristã de seus jovens. Transcrevemos, das *Memórias Biográficas*:

⁸ C 6.

⁹ C 28.

“Em 1883 presentes, com o P. Dalmazzo, ouvimos Dom Bosco exclamar: – Estou contente! Mandei fazer uma estatística diligente, e ficou-se sabendo que saíram de nossas casas e foram trabalhar nas Dioceses mais de 2.000 sacerdotes. Sejam dadas graças ao Senhor e à sua Santíssima Mãe, que nos deram abundância de todos os meios para fazer este bem.

O seu cálculo, porém, não estava completo. Outros 500 de seus jovens inscreveram-se no clero antes de sua morte; e outros, dos quais ele tinha desenvolvido a vocação, escolhiam o sagrado ministério para si nos anos seguintes à sua partida deste mundo. Acrescentemos aqueles que, de tantas casas afiliadas, passaram ao Seminário. Não omitamos os muitos que, por conselho seu, foram povoar novamente as casas religiosas, e não há quase Ordens, e diria Congregações, que não tenham sacerdotes, um dia filhos de Dom Bosco. Indiretamente, portanto, não se deve negar o mérito de ele ter aumentado as forças do catolicismo com vários meios. Pode-se dizer que foi após o seu exemplo e, às vezes, pelas suas instâncias e cooperação, que se abriram e sustentaram os pequenos seminários. Foi dele que não poucos diretores destes e de grandes seminários, que o vinham consultar, aprenderam o modo de cultivar os alunos com amorável e paterna assistência, com a piedade e especialmente com a frequência da Comunhão, condição indispensável para a perseverança na vocação, de modo que o clero das respectivas dioceses obteve grande vantagem [...]. Reservamos outras provas de nossa afirmação para o decurso da história, das quais, unidas a estas, podemos deduzir que não estão realmente longe aqueles que afirmam que Dom Bosco formou seis mil sacerdotes”¹⁰.

Da escola de Dom Bosco, vieram Rua, Cagliero, Domingos Sávio e muitos outros. Os salesianos estão convencidos de que a fecundidade vocacional nos diversos contextos, cuidando como se deve da pastoral e do caminho de formação cristã, julga a própria capacidade de comunicar o conhecimento suficiente e o amor a

¹⁰ MB V, pp. 411-412.

Cristo que levam à imitação e à seqüela. Percebe-se, por outro lado, o quanto estão longe da organização salesiana aqueles que pensam nas vocações a serem buscadas em outros contextos ou através da ação de pessoas particularmente encarregadas, enquanto as comunidades deveriam dedicar-se apenas aos “serviços”, mesmo que sejam em favor dos mais pobres.

Um momento fecundo

Há muitos pontos dos quais se pode partir para compreender adequadamente o fato vocacional. Encontramos alguns paradigmas na Sagrada Escritura, nos quais se vê bem a parte de Deus, que nunca falha, e as condições da resposta do homem ou da mulher.

A Bíblia tem páginas para os tempos vocacionalmente difíceis ou estéreis. Deus, fiador da salvação, fala neles diretamente ao coração das pessoas, para garantir a memória de sua aliança. Gosto de recordar o episódio de Samuel. Ele recebe o chamado diretamente de Deus, durante a noite, num momento de decadência da instituição religiosa, em que a atenção do povo se concentrava no esforço bélico, quando se tinha esquecido até da figura dos profetas. Os modelos de identificação não existiam, as questões e as urgências do povo não eram religiosas. Entretanto, Deus fala ao coração do jovem diretamente, para torná-lo sua testemunha e porta-voz.

Desejo, nesta carta, chamar a atenção dos irmãos para o fato de estarmos, talvez, vivendo *uma fase de possibilidades vocacionais privilegiadas*, se, porém, o nosso amor por Jesus conseguir exprimir-se e comunicar-se.

Vivemos, em contexto de Jubileu, dois acontecimentos que nos fizeram pensar na abertura interior dos jovens a Jesus e na força que a figura e o projeto de Cristo têm sobre eles.

O primeiro, em ordem de tempo, foi o *Fórum 2000* do Movimento Juvenil Salesiano. No Colle Don Bosco, um jovem fez uma pergunta explícita ao Reitor-Mor: “Do Movimento Juvenil Salesiano e, particularmente, dos animadores, não saem vocações para o sacerdócio e a vida consagrada?”.

A resposta do Reitor-Mor foi: certamente, amadureceram-se vocações; é também verdade, porém, que esta dimensão da espiritualidade juvenil salesiana não foi suficientemente cultivada: do anúncio à proposta, do convite ao acompanhamento pessoal dos que demonstram aptidões, sinais ou primeiros desejos. O Reitor-Mor quis incluir justamente este aspecto na mensagem para a caminhada do MJS em 2000. Podem lê-lo neste mesmo número dos Atos.

O segundo acontecimento foi a *Jornada Mundial da Juventude* de Roma. Durante a homilia da celebração eucarística, o Papa exortou os jovens a pensarem também na possibilidade de doar toda a própria existência no ministério sacerdotal e na vida consagrada: “Possa existir sempre, em toda comunidade, um sacerdote que celebre a Eucaristia. Peço, por isso, ao Senhor, que floresçam entre vós numerosas e santas vocações ao sacerdócio”¹¹. E, mais adiante, dizia ainda: “Brote da participação na Eucaristia um novo florescimento de vocações, também à vida religiosa, que garanta na Igreja forças novas para a nova evangelização”¹².

As conversas individuais com os jovens fizeram com que aparecesse o quanto se apresenta em suas almas o pensamento de seguir a Cristo radicalmente. Frequentemente, porém, encontra-os despreparados para uma resposta e, segundo o que já se comentou outras vezes, encontra-os inseguros diante das possibilidades reais de encontrar espaços na medida de suas expectativas, nos quais exprimir essa vocação por toda a vida.

É verdade: a juventude presente nos dois acontecimentos não representava toda a juventude do mundo, nem sequer a católica. Estavam, sobretudo no *Fórum 2000*, jovens escolhidos. Justamente esses, porém, são os jovens que oferecem um espaço de diálogo vocacional de empenho e confessaram que esse diálogo nem sempre foi feito com eles.

¹¹ João Paulo II, Homilia de 20 de agosto de 2000, *Osservatore Romano* 21-22 de agosto de 2000.

¹² *Ib.*

Talvez estejamos vivendo um “tempo novo”, em que é determinante uma adequação da pastoral vocacional em termos de imagem, linguagem e proposta.

Não quero repetir aqui a doutrina teológica sobre a vocação e nem sequer descrever as condições sociológicas e religiosas de certas regiões em que parecem concentrar-se as dificuldades. Ouvimo-las já suficientemente. Foi dito, com razão, que é preciso passar da análise às propostas.

Há um fenômeno que nos deve fazer pensar. Em regiões, que se dizem difíceis, convivem comunidades, centros de espiritualidade ou movimentos eclesiais que atraem intensamente e outras comunidades ou obras que não conseguem provocar desejos de unir-se à experiência que os jovens também têm diante de seus olhos.

Dá-se, ainda, nessas áreas ainda férteis, uma diferença entre os “tipos” de jovens e garotos, atraídos pela nossa vida, e a manutenção deles quando se inserem nas comunidades: trata-se de autenticidade de motivações, de formação espiritual cristã, de projeto de vida em Cristo, de fé interiorizada.

Devemos pensar seriamente neste aspecto. As vocações representam efetivamente o principal problema da nossa como de outras Congregações e Ordens Religiosas. Existem abundantes campos de trabalho, em todos os continentes: o mais difícil é individualizá-los e enumerá-los. Deu-se início, também, e é conhecida, a colaboração dos leigos, para responder às urgências das numerosas frentes. A dinâmica de animação é difusa. Entretanto, nada disso se move sem pessoas que testemunhem o carisma até o fim!

“Pedi ao Senhor, porque a messe é grande poucos os operários”¹³. A expressão de Jesus, sempre verdadeira, aplica-se mais do que nunca ao nosso momento histórico.

O Senhor dá-nos uma nova oportunidade, mas pede-nos, ao mesmo tempo, purificação, insistência sobre o essencial, capacidade de colocar em contato vivo com Cristo, mais do que apenas envolver em amizades pessoais ou prestações de serviço.

¹³ Cf. *Mt* 9,38.

Em sintonia com a Igreja

Realizou-se em Roma – de 5 a 10 de maio de 1998 – um congresso sobre a pastoral vocacional na Europa. Fora difundido previamente um documento de trabalho que relevava, na maneira mais objetiva possível, o andamento quantitativo e qualitativo das vocações, mas também a consciência vocacional das Igrejas e as modalidades de pastoral e proposta vocacional que elas desenvolveram.

O documento detinha-se naturalmente nas condições humanas, sociais e religiosas dos jovens; mas recolhia também os sinais positivos, os recursos atuais, os germes de uma nova estação que pede um sábio cuidado por parte de todas as comunidades, particularmente dos educadores.

À conclusão dos trabalhos foi publicada uma relação final realmente nova e rica de propostas.

Foi feito um trabalho semelhante na América e, em fins de fevereiro, a Congregação para a Educação Cristã, publicou um número da revista *Seminarium* sobre a situação das vocações no futuro, para ao qual se pediu ao Reitor-Mor dos Salesianos um artigo intitulado “Pastoral juvenil e orientação vocacional”¹⁴, sinal de como é apreciada a nossa experiência.

De nossa parte, temos dedicado um longo tempo de estudo à *Ratio*, que também compreende o pré-noviciado e os critérios de discernimento para a aceitação.

Diria que é inútil fingir: o problema vocacional é um problema incandescente! Apesar disso, a intenção geral dos congressos é “promover a esperança”. Esse é o tom dos documentos prévios; esse foi também o ar dos congressos. Confiamos que o Senhor haverá de continuar a suscitar profetas e homens segundo o seu coração.

A União dos Superiores Gerais das Ordens e Congregações Religiosas também quis examinar a reflexão sobre as possibilidades e condições para propor hoje a vocação e amadurecer os candi-

¹⁴ *Seminarium* Ano XL, n. 1, janeiro-fevereiro de 2000, pp. 67-80.

dados à vida consagrada, particularmente lá onde a dimensão religiosa parece de pouquíssima relevância social, em poder de elaborações subjetivas.

Obteve-se, com isso tudo, uma visão geral das novas condições em que nascem e se desenvolvem as vocações¹⁵. Vive-se, em algumas partes, a provação da esterilidade, como a de Sara ou de Ana, mãe de Samuel. Não é aceitável, porém, decretar a própria extinção e simplesmente programar a passagem da própria herança carismática a outros, por exemplo, aos leigos, e bloquear-se em relação à proposta da vida cristã e da *sequela Christi* na cultura secular!

Se Cristo foi para nós sentido e caminho, se a nossa experiência com Ele foi feliz, é melhor, como fez Abraão, suplicar pelo filho que assuma a descendência e empenhar-se por suscitá-lo. É necessário, foi dito, convocar e também provocar, voltando a apresentar, em sua realidade paradoxal, os percursos de uma existência conforme o Evangelho, como as bem-aventuranças, a cruz, a liberdade de realizar-se em Deus.

A orientação vocacional em nossa renovação espiritual

A Congregação desenvolveu, ao longo destes anos, uma reflexão sobre a orientação da educação dos jovens à fé. Individualizou *a sua dimensão fundamental e qualificante na orientação vocacional*¹⁶. Queremos ajudar os jovens a colocar-se diante do próprio futuro em atitude de disponibilidade e generosidade, predispô-los a escutar a voz de Deus, acompanhá-los na formulação do próprio projeto de vida.

Privilegiamos, no trabalho vocacional, alguns aspectos que se apóiam e completam reciprocamente: a orientação oferecida aos jovens no interior do discurso educativo; a atenção constante para descobrir e acompanhar com iniciativas diferenciadas e apropria-

¹⁵ USG – 55^a Conventus Semestralis. *As vocações à vida consagrada no contexto da sociedade moderna e pós-moderna*, Ed. Il Calamo, Maio, 1999.

¹⁶ Cf. CGE, 374 e 692; CG21, 110ss; CG23, 149ss. e 247.

das as vocações de particular empenho na sociedade e na Igreja; a atenção especial às vocações de serviço à Igreja (vocações para as dioceses, para outros institutos religiosos) e da mundialidade (vocações missionárias, também leigas); uma responsabilidade particular pelo carisma salesiano em suas múltiplas formas, mediante o discernimento e o cuidado das sementes de vocação salesiana, tanto consagrada como laical, presentes nos jovens.

É convicção nossa que apresentamos a Igreja com um grande tesouro quando procuramos uma boa vocação. Não importa se essa vocação vá à diocese, às missões ou a uma casa religiosa. É sempre um recurso que se coloca à disposição da Igreja e do Reino¹⁷.

A situação não é fácil. O Congresso “Novas vocações para uma nova Europa”¹⁸ assinalou algumas causas ou raízes da dificuldade: a cultura pluralista complexa, sem fundamento, que tende a produzir nos jovens uma identidade frágil; a cultura da distração, que corre o risco de submergir ou anular os interrogativos sobre o sentido da vida; a mentalidade que leva a pensar que as possibilidades da vida devem ser consumidas apressadamente; o nomadismo nas idéias e compromissos, que não se preocupa com as referências de orientação definitiva. É nesse contexto, entretanto, que o Evangelho deve ser comunicado e oferecido como norma e caminho.

Nós procuramos viver, nessas circunstâncias, com uma *atitude de fé serena, de esperança* e sem buscar culpados. Quando Abraão estava triste, porque não via realizar-se o dom da descendência, Deus faz-lhe um convite para sair de sua pequena cabana, colocando-se sob a grande tenda do Senhor, o céu; com o horizonte mais vasto ele é levado a interpretar e crer na história que Deus, fiel às suas promessas, lhe está preparando.

A atitude de esperança deve guiar-nos, também, na leitura dos sinais dos tempos: a carência de vocações (um mal) pode ser percebida como um convite à purificação das intenções, a reconhecer a necessidade de centralizar-se no essencial da vida consagrada e da nossa vocação específica na Família Salesiana.

¹⁷ Cf. MB XVII, p. 262.

¹⁸ Cf. “Nuove vocazioni per una nuova Europa”, n. 11c: *Uomo senza vocazione*.

Quando rezamos ao Senhor da messe, é importante que sejamos movidos, mais pelo Reino e pelo desejo de realização da sua vontade, do que pela necessidade ou angústia de ter sucessores para cada uma de nossas obras atuais, que tomem o nosso lugar nos muitos projetos apostólicos que estamos animando.

Entretanto, difundamos entre os jovens, na Família Salesiana, entre o povo, uma *cultura vocacional*. É este um termo lançado pelo Papa¹⁹. Ele foi, em seguida, aprofundado também por nós²⁰. Trata-se de promover uma forma de vida e de organização de opções pessoais diante do futuro, segundo um conjunto de valores como gratuidade, acolhida do mistério, disponibilidade a deixar-se chamar e envolver, confiança em si e no próximo, coragem de sonhar e desejar de maneira grande. Junto à ação de contenção, existem propostas e experiências educativas na linha dos valores propostos.

Esta cultura é, hoje, o primeiro objetivo da Pastoral Vocacional, e talvez da pastoral em geral, afirma o documento conclusivo do Congresso sobre as vocações na Europa²¹.

Uma nova aproximação

Percebe-se, através deste caminho de reflexão e das experiências em curso, a disponibilidade ainda viva dos jovens para a experiência de Deus, e descobrem-se novas dimensões e novos elementos, importantes para o surgimento e crescimento das vocações.

Percebe-se, principalmente, o *novo sujeito destinatário* e principal interlocutor do discurso vocacional: ele é, sobretudo, o *adolescente adulto*, tanto pelo alargamento da escola obrigatória, como pela maior idade em que se decide o estado de vida. É im-

¹⁹ João Paulo II, Mensagem da XXX Jornada Mundial de oração pelas vocações (1993).

²⁰ Cf. VECCHI J., "A vocação entre cultura e culturas: crise do modelo ocidental?", in *Cultura e Vocazioni*, Rogate, Roma, 1994, pp. 31-63.

²¹ Cf. "Nuove vocazioni per una nuova Europa", n. 13b.

portante, para nós, inserir elementos vocacionais em todas as idades, mas temos um espaço privilegiado entre os animadores, voluntários, jovens colaboradores, universitários, alunos das últimas séries.

Esta novidade comporta uma outra que nos diz respeito muito de perto: o discurso de vida cristã e a orientação vocacional para estes adolescentes adultos é *muito mais exigente e específico*. Eles não entram numa equipe de trabalho ou de serviço. Tratando-se de fazer um serviço laical, também gratuito, eles sabem que podem dispor de outros espaços e estruturas de voluntariado. É a visão e o sentido da vida que determina a sua orientação. Só se forem atraídos por Jesus, e tiverem tomado consciência da vida proposta por Ele, é que se decidirão a segui-lo.

Vivemos, foi dito, numa época “selvagemente religiosa”. É necessário fazer com que os jovens sintam a grande novidade de Jesus, o *mais além*, e não só o prazer da gratuidade com tempo limitado. É inútil ao apelo vocacional, a clandestinidade religiosa do grupo que se constituiu em nome de Cristo. É melhor que declaremos, abertamente, com palavras e obras, qual foi a nossa opção e a alegria com que a vivemos.

Lemos, no livro dos Atos dos Apóstolos, que, enquanto a comunidade dos seguidores de Cristo mostrava os novos sinais tipicamente cristãos, o Senhor a ela orientava aqueles que deviam ser salvos²². As duas coisas são necessárias e complementares: a voz ou graça do Senhor e os sinais da comunidade.

Apresento *algumas constantes* recorrentes nas conversas de que falava anteriormente, presentes também nas experiências feitas pelas Inspetorias; elas podem ajudar na reflexão sobre a capacidade vocacional de nossas comunidades.

1. A vocação é uma atração. Se o carisma e a vida dos que hoje são seus portadores e representantes não é, por assim dizer, fascinante, as condições para suscitar seguidores desaparecem. Isso já tinha acontecido com Jesus. Os apóstolos ligaram-se a Ele por uma

²² Cf. At 2,42-48.

admiração nada comum; tinham percebido a bondade que se desprendia dele e, por isso, tinham-lhe perguntado: “Onde moras?”²³. Indo ficar com Ele depois.

Diversos Institutos apresentaram, na reunião dos Superiores Gerais, experiências de comunidades abertas e acolhedoras, fronteiras novas e audaciosas de missão, experiências expressivas de vida consagrada do primado de Deus que tinham suscitado interesse nos jovens.

Volto a insistir na genuinidade e no caráter comunitário das experiências de Deus, particularmente próximas aos jovens “religiosos” de hoje, embora devam entender as condições quotidianas da nossa relação com o Pai à luz do acontecimento da Encarnação, libertando-se do fascínio momentâneo do extraordinário.

2. A vocação é um chamado e uma graça; inspirá-la e suscitá-la está fora de nossas possibilidades. A iniciativa é de Deus. É uma constante nas vocações bíblicas e Jesus o repete: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu quem vos escolheu”²⁴. É necessário rezar e trabalhar, acolher e agradecer, mesmo que somente por uma vocação, observar e descobrir. Nesse sentido, não nos lamentamos, mas o nosso coração volta-se agradecido ao Senhor pelos cerca de 500 jovens que, também neste ano, entraram em nossos noviciados.

3. A vocação é um caminho estritamente relacionado ao amadurecimento na fé, no diálogo com Deus que dura a vida toda. A condição basilar para que ela surja é o desenvolvimento da vida cristã em todos os seus aspectos: verdade, costumes, oração. As vocações de caráter “sociológico” quase desapareceram. A acentuada personalização da fé e a vida interiormente ligada a Cristo são indispensáveis para o amadurecimento das propostas segundo a Palavra do Senhor. Recordam-se do diálogo do jovem rico com Jesus? Pois bem, não basta ser honestos. Trata-se de perceber dimensões misteriosas da nossa existência.

²³ Jo 1, 38.

²⁴ Jo 15,16.

4. Todos experimentam esse chamado, porque **Deus tem um projeto para cada pessoa**. É necessário que todos se tornem conscientes disso. Cabe-nos ajudar a cada um no desenvolvimento da própria vocação com um programa apropriado: para a vida laical, sacerdócio, vida consagrada, secularidade consagrada. É verdade, entretanto, que o acompanhamento ao sacerdócio e à vida consagrada é um aspecto específico e não se deve diluir tudo num discurso genericamente vocacional.

5. É preciso um **trabalho direto** e explícito pelas vocações de particular consagração ou serviço. Elas não surgem espontaneamente, nem mesmo de ambientes religiosos. Os modelos de vocações eclesiais, mesmo entre os jovens catequizados, são pouco conhecidos. As Dioceses e nossas Inspetorias organizam, por isso, um serviço de animação. E vê-se que, lá onde esse serviço funciona, as coisas estão melhores, desde que as comunidades a ele não deleguem o que elas mesmas podem e devem fazer. Não se deve cair no *genericismo* e nem distinguir muito os diversos tipos de apelos ou chamados que Jesus mesmo fez.

6. **Toda comunidade** e, nela, cada pessoa, deve estar profundamente envolvida, segundo as próprias possibilidades, em descobrir e ajudar as vocações. O trabalho do “recrutador” ou encarregado ou delegado é absolutamente insuficiente e não dá garantias quanto à quantidade e autenticidade.

Além da inadequação para obter o resultado desejado, está em jogo a continuidade da missão da comunidade e do indivíduo. Cada comunidade representa Dom Bosco no contexto onde vive e trabalha, e é deputada a prolongar o seu carisma e a sua missão. É um *álibi* dizer que a nossa missão poderá passar aos leigos ou programar a própria extinção, embora com motivações religiosas.

Deus dirá qual será a nossa sorte; é importante, porém, que nela não influa o nosso descuido ou opções erradas, como pode ser a renúncia de propor aos jovens formas de vida cristã intensa e de seqüela radical de Cristo.

7. Os jovens sentem a necessidade de uma **experiência direta e de contato** com a realidade de conteúdo vocacional. Nesse sentido, o ambiente onde o jovem está empenhado joga um papel im-

portante: no ambiente, ele pode encontrar modelos, experimentar valores e amizades e, sobretudo, exercitar responsabilidades típicas das vocações eclesiais. Nossas paróquias, escolas, oratórios, grupos de voluntariado devem constituir-se como comunidades em que se experimentam ministérios a serviço da missão e se ajuda no encontro com Jesus.

8. Muitas vocações, como foi dito, amadurecem numa idade mais elevada e isso significa um período de **acompanhamento mais longo**. Deve-se iniciar, por isso, com uma catequese de fundo vocacional já na infância e na adolescência. Não se deve abandonar o trabalho, porém, quando os jovens entraram na universidade ou em ambientes equivalentes. A média etária daqueles que entram no noviciado está oscilando entre 21 e 27 anos.

Além de ser mais longo, o acompanhamento deve ser mais consistente no que se refere à fé e à prática cristã. Deve corresponder ao desenvolvimento intelectual do jovem, às questões que lhes são colocadas pela vida e pela sociedade. Duas Encíclicas de João Paulo II – *Veritatis Splendor* e *Fides et Ratio* – dão uma idéia das questões de mentalidade e atitudes nas quais o jovem ouve as mais variadas opiniões, expressas com extrema segurança e em nome do direito de a pessoa pensar e exprimir-se.

São ambientes em que é necessário o acompanhamento. É claro que mentalidades e atitudes, se não forem iluminadas e orientadas pelo Evangelho, impedem decisões vocacionais posteriores e criam obstáculos no caminho a empreender. Por isso, no documento conclusivo do congresso sobre as vocações na Europa, acumulam-se indicações sobre a orientação cristã decidida: apresentar Cristo como projeto do homem, convidar à *sequela*, cultivar o primado do Espírito, favorecer o radicalismo evangélico como profecia, dar direção espiritual.

9. É indispensável a referência ao **ambiente comunitário**. Ninguém tem vocação à solidão e ao isolamento. Recomenda-se, por isso, também às igrejas locais, a organização da comunidade como uma articulação rica de ministérios ou serviços em vista da missão.

Nós, também, pudemos tirar algumas conclusões úteis nos últimos tempos, constatando o percentual de jovens chamados que fi-

zeram a experiência da comunidade educativa salesiana, do grupo, da comunidade juvenil, no serviço de voluntariado.

Acrescenta-se, hoje, ao contato com o ambiente educativo, *a experiência de vida na comunidade salesiana* para jovens que já fizeram um certo caminho.

Segue-se o critério: “Vem e vê”. Os jovens participam, por um tempo breve ou médio, da oração, da programação e realização do trabalho, da vida fraterna. É supérfluo dizer que se trata de comunidades escolhidas, que se demonstram aptas a essa acolhida. Em não poucas Inspetorias, contudo, procurou-se multiplicá-las. A idéia é que cada comunidade possa ser espaço de experiência vocacional.

10. Há, no caminho de fé, **experiências que são particularmente reveladoras** das características e exigências das vocações, e que ajudam a amadurecer mais rapidamente as capacidades vocacionais: podemos incluir nelas o empenho no trabalho pastoral, a aprendizagem da oração, a meditação renovada da fé, o voluntariado, os exercícios espirituais. Sente-se de maneira mais imediata, nessas experiências, a dimensão religiosa. São chamadas experiências “fortes” justamente pela sua intensidade, e não deveriam faltar num programa vocacional.

11. É necessário, em muitos casos, **o convite explícito**. O ambiente social não sugere uma vocação religiosa. Hoje, a sua relevância e o seu significado social é escasso; os modelos de referência para imaginar como será a própria vida num longo futuro são confusos, quando não desanimadores. A Igreja, tomada em alguns lugares como instituição, é apresentada como herdeira de um passado de submissão intelectual e moral.

O jovem pode desejar empenhar-se, mas orienta-se para movimentos e causas que são, hoje, mais admirados: a paz, a ecologia, os pobres. Será sempre o fascínio de Cristo que determinará uma orientação diversa. E aqui está a nossa prova de pastores-educadores de jovens.

O jovem, além disso, não chega com facilidade à conclusão de realizar as condições para uma vocação de especial serviço ou consagração. Os discípulos sentiram-se fascinados por Jesus, mas para

entender que podiam colocar-se ao seu serviço tiveram de escutar o convite: “Segue-me!”.

Vemos, nas conversas com nossos jovens irmãos, que quase todos encontraram alguém que lhes fez a proposta, pronunciou o apelo. Deve-se pensar quantos deles não teriam vindo sem esse convite providencial e quantos efetivamente não entraram porque ninguém lhes dirigiu o chamado ou, ao menos, o interrogativo.

12. É necessário o acompanhamento ou direção espiritual. Afirmava-o já o congresso vocacional de 1982, trazendo uma afirmação de Paulo VI: “Não há vocação que amadureça sem um diretor espiritual que a acompanhe”.

Podemos compreender, também, a expressão “Diretor Espiritual” não de forma técnica, mas aberta, referindo-nos a quem é capaz de acompanhar. Desde que esse acompanhante conheça a história do acompanhado e as exigências da vida espiritual e seja capaz de levar os jovens para novos horizontes na vida da graça. Temos, aqui, quem sabe, um outro ponto fraco: a nossa capacidade de mostrar, entusiasmar, indicar os passos e as condições; convidar para que sejam assumidas metas mais exigentes, corrigindo o que não é conforme a Deus e ajudando a assumir tudo o que contribui para dar-lhe espaço na vida; rever periodicamente o caminho percorrido. Precisamos de acompanhantes espirituais, que sejam não só compreensivos, mas capazes de propostas, especialistas na vida espiritual.

Isso tudo, também, foi insistido no documento conclusivo do congresso sobre as vocações na Europa, ao qual já acenei. O jovem sente necessidade de confrontar muitos pontos da fé com tantas idéias e propostas que lhe vêm do contexto. Ele precisa de um interlocutor. Precisa esclarecer aspectos da moral cristã. Precisa de apoio e orientação. Não tendo experiência do caminho da graça e das possibilidades da vida em Cristo, precisa, sobretudo, de alguém que lhe abra esses horizontes.

Está provado que ao redor de alguns diretores espirituais, de alguns cenáculos ou casas de retiro, de algumas experiências de fé, estão nascendo candidatos à vida sacerdotal, consagrada, laical.

Encontramo-nos na situação de todos. Em alguns lugares, vivemos a provação da infertilidade. Temos, contudo, um campo privilegiado em nossos destinatários: os jovens. Desenvolvemos uma atividade muito adequada ao discurso vocacional: a educação. Possuímos ambientes que podem oferecer estímulos interessantes: as comunidades educativas. Podemos estender as ofertas de envolvimento e de trabalho apostólico, também para fora de nossas obras.

O MJS de 2000 deveria exprimir-se em grupos de voluntariado, oração, reflexão sobre a fé, aprofundamento cultural. Isso tudo poderia ser um campo fértil para o interrogativo vocacional. Caso não nos seja permitido recolher, procuremos, ao menos, semear abundantemente.

2. COMUNIDADE SALESIANA: ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E PROPOSTA VOCACIONAL

Examinando a situação das vocações e algumas sugestões gerais de pastoral, velozmente e sem pretensões de ser completo, referimo-nos mais diretamente ao tema que será objeto de nossos Capítulos, para refletir sobre quais os elementos da comunidade que podem se tornar apelos vocacionais.

Quando pensamos na origem da nossa Congregação e Família, de onde partiu a expansão salesiana, encontramos, sobretudo, **uma comunidade**, não só visível, mas até mesmo singular, atípica, quase como uma lâmparina na noite: **Valdocco**, casa de uma comunidade original e espaço pastoral conhecido, vasto, aberto. Aí chegavam, por interesse ou por curiosidade, personagens do mundo civil e político, cristãos fervorosos e eclesiásticos que aí viam um despertar religioso, bispos do mundo.

Elaborava-se nessa comunidade, uma nova cultura, não em sentido acadêmico, mas na direção de relações renovadas entre jovens e educadores, entre leigos e sacerdotes, entre aprendizes e estudantes, uma relação que refluiu no contexto do bairro e da cidade. E, de acordo com o que lemos, essa cultura levantava interrogativos, que chegavam a colocar em dúvida até a saúde mental de Dom Bosco.

Aconteciam ali, além disso, novas experiências educativas; são exemplos que todos conhecem: o pensionato para jovens que iam trabalhar na cidade, o ensino das artes e ofícios, o tipo de vida que se tinha instaurado.

Tudo isso, tendo como raiz e motivação a fé e a caridade pastoral, procurava criar em seu interior o espírito de família e orientava para um sentido afeto pelo Senhor e por Nossa Senhora.

O termo “Religião” no trinômio do Sistema Preventivo era tudo mais que formal. Compreendia o convite a empreender uma vida em Deus, como recordado no episódio de Miguel Magone em lágrimas, até orientar-se pelos caminhos da santidade os jovens capazes, como nos mostra a conversa entre Dom Bosco e Domingos Sávio.

Isso suscitava, nos jovens, o desejo de pertencer àquela singular comunidade e trabalhar numa obra tão original. A palavra oportuna de algum salesiano ou do próprio Dom Bosco ajudava depois a amadurecer a decisão.

A Congregação Salesiana foi composta, desde o início, em grande parte por “oratorianos”, pessoas que tinham feito a experiência educativa com Dom Bosco e em sua casa.

Serão as nossas comunidades de hoje, capazes de provocar um fenômeno semelhante, mesmo de proporções menores?

Aparecem no trabalho de Dom Bosco pelas vocações, *alguns elementos importantes*, que podem iluminar a nossa reflexão, embora a linguagem dele deva ser lida no contexto de sua época cultural e teológica.

Ele preocupa-se especialmente com que surjam e se desenvolvam nos jovens as sementes vocacionais. Não confia no acaso, mas colabora ativamente para fazer com que o dom de Deus seja percebido.

Constrói, com meios e intervenções variados, *um ambiente apto*, no qual a proposta vocacional possa ser favoravelmente acolhida e chegar ao amadurecimento; elemento central desse ambiente era *o espírito de família*: sentir-se benquisto, na própria casa, valorizado.

Promove *um intenso clima espiritual* no qual orienta à relação pessoal com Jesus, à frequência dos sacramentos, à devoção a Ma-

ria, à oração que leva a enraizar sempre mais a adesão pessoal ao projeto de Deus no coração e na vida. Caminham também nessa linha as breves recomendações para favorecer as vocações.

Ajuda a *purificar e amadurecer as motivações* da opção do estado de vida, centralizando-o na glória de Deus e na salvação das almas, através de experiências de trabalho generoso e entusiasmo pela salvação dos jovens.

Dom Bosco esforça-se, também, em ser *o animador e guia espiritual* dos jovens chamados, sobretudo pela confissão, mas também facilitando diversos encontros e colóquios com eles. Um dos traços que mais chama a atenção nesse ministério, é a sua grande prudência no discernimento, que sabe orientar os candidatos com realismo e consciência das exigências espirituais.

Coloca sempre na base a convicção, profundamente enraizada, de que qualquer sucesso em campo vocacional deve ser atribuído a Deus e à materna proteção de Maria SS. Auxiliadora. Recomenda, por isso, a todos, uma constante e fervorosa oração pelas vocações.

O intensíssimo trabalho que Dom Bosco desenvolveu em favor das vocações, sobre o qual já se falou, sublinha o seu sentido de Igreja e a confiança aberta às surpresas devidas à generosidade dos jovens. Permite-nos compreender a sua insistência para que todos trabalhem de modo concorde e se esforcem em procurar para a comunidade eclesial aqueles grandes tesouros que são as vocações²⁵.

O atual movimento vocacional não é diverso, mesmo reconhecendo que é menos sentido pela própria comunidade cristã. Vai-se para onde se sente atraído. Não será certamente pela nossa organização, nem pelo nosso serviço ou trabalho que os jovens se sentirão fascinados pela vida consagrada, mas justamente pela intensidade da dimensão religiosa. O Senhor orientava para a comunidade aqueles que queria salvar, dizem os Atos dos Apóstolos²⁶, como já recordávamos. Há uma coincidência entre os sinais colocados pela

²⁵ Cf. *Le vocazioni nella Famiglia Salesiana*. IX settimana di Spiritualità della Famiglia Salesiana. Janeiro, 1982. Elle Di Ci, Turim 1982, pp. 145-183.

²⁶ Cf. At 2,48.

comunidade, aquele de reunir-se para a *fractio panis*, de colocar as coisas em comum, e a voz que Deus faz ressoar no coração das pessoas que são membros potenciais dessa comunidade. É o perfil do caminho vocacional.

Será inútil oferecermos comunidades leigas ou seculares a jovens que buscam o sentido e a experiência calorosa de Deus, àqueles que começaram a degustar o evangelho e desejam vivê-lo com maior intensidade. É necessário oferecer-se como lugar de experiência do Evangelho!

A lógica do “Vem e vê”²⁷

A cultura atual é muito sensível aos sinais e testemunhos, às provas e experiências, e pouco às palavras e promessas.

Hoje, a proposta vocacional realiza-se no estilo evangélico do “Vem e vê”. Esse foi também o caminho trilhado por Dom Bosco, como dizíamos. Ele queria mostrar aos jovens uma forma de vida cristã, que os fizesse felizes. Preocupou-se, por isso, para que reinasse no ambiente do Oratório uma grande alegria e um estilo de família que atraía os corações dos jovens.

Objetivo importante é construir uma comunidade salesiana, que torne visíveis os valores da vida religiosa, encarnados nos irmãos, e evidencie as motivações das opções e trabalhos educativos; comunidade onde seja sentida a alegria da fraternidade e do espírito de família, que saiba comunicar a própria experiência, para além das palavras, com a própria vida; comunidade capaz de envolver num clima e, mais ainda, numa história, porque apresenta com eficácia suas proezas e seus encontros com missionários, compartilha seus momentos de oração, dá testemunho com experiências quantificantes e atividades apropriadas e, sobretudo, com a tonalidade da própria vida.

Dizia-se antigamente que acontece a ruína de uma comunidade quando surge o relaxamento. Afirma-se, hoje, que estamos em

²⁷ Cf. Jo 1,39.

tempos de místicos e profetas, e que é necessário muito mais para dar futuro à vida religiosa. Após o Vaticano II as Congregações fizeram, em geral, esforços de renovação doutrinal, estrutural e operativo, mas nem por isso os jovens aderiram a elas. O problema não está tanto na correição e na coerência serena, mas naquele “a mais” que atrai; nem na moralidade e honestidade, que servem para conservar as coisas como estão, mas naquele “a mais”, incluído na profecia, na significatividade, na radicalidade; ou naquela que se pode chamar de “experiência calorosa”, da qual brotam intuições e vontade de empenhar a vida.

A força vocacional da vida da comunidade

É fácil constatar que, em alguns lugares, a vida consagrada perdeu a visibilidade pela forte secularização do ambiente ou, às vezes, pela própria vontade daqueles que pensaram em não se apresentar como “homens religiosos”, tendo em vista apenas o valor “humano” da própria opção.

Os próprios cristãos nem sempre entendem a força da consagração e, mais ainda, não percebem o sentido e o valor da vida consagrada. Ela, muitas vezes, é reduzida a uma disponibilidade maior ao serviço dos outros; escapa o seu testemunho do primado de Deus e o seu significado profético.

Isso também foi um ponto de interesse na reflexão sobre a vida religiosa: perguntou-se qual a contribuição do testemunho e da ação específica de um consagrado/a no âmbito da saúde, da educação, do serviço social em relação ao que fazem os “leigos” honestos.

A Exortação *Vita Consecrata* afirma repetidamente a urgência de *dar visibilidade* à vida consagrada: “também o estilo de vida (das pessoas consagradas) deve fazer transparecer o ideal que professam, propondo-se como sinal vivo de Deus e como pregação eloqüente do Evangelho, mesmo que muitas vezes silenciosa”²⁸.

²⁸ VC 25.

“Os jovens não se deixam enganar: vindo até nós, eles querem ver o que não vêem alhures. Tendes uma imensa tarefa em relação ao amanhã; sobretudo os jovens consagrados, testemunhando a própria consagração podem induzir os seus coetâneos à renovação da própria vida. O amor apaixonado por Jesus Cristo é uma atração poderosa para os outros jovens, que Ele em sua bondade chama a segui-lo mais de perto e para sempre. Nossos contemporâneos querem ver nas pessoas consagradas a alegria que provém da vida com o Senhor”²⁹.

Interrogamo-nos, na reunião dos Superiores Gerais de maio de 1999, sobre a capacidade de os jovens compreenderem que a nossa é uma *sequiela Christi*. Refletimos, principalmente, nas modalidades ou formas de vida que podem suscitar nos jovens a imagem de uma existência evangélica. Vê-se, de fato, que a solenidade institucional ou a sucessão normal das jornadas não lhes diz muito. Eis *alguns elementos* que deveriam marcar as nossas comunidades e *tornar visível a sua vida consagrada*.

a. Demonstrar a alegria da fraternidade e do estilo de família

O clima de família, acolhida e fé, criado pelo testemunho de uma comunidade que se doa com alegria, é o ambiente mais eficaz para a descoberta e orientação das vocações³⁰. Esse testemunho suscita nos jovens o desejo de conhecer e seguir a vocação salesiana³¹. Assim dizem nossas Constituições.

É preciso *tornar mais visível o fato de ser comunidade religiosa, que vive e trabalha em comum*. Os jovens, frequentemente, não encontram uma comunidade de pessoas, mas indivíduos salesianos que agem individualmente.

Convém recordar que a missão salesiana jamais é um fato individual ou privado, mas é sempre expressão de uma comunidade. O próprio Dom Bosco pensou logo num grupo de colaboradores e

²⁹ VC 109.

³⁰ Cf. C 37.

³¹ Cf. C 16.

preocupou-se muito com a unidade da sua Congregação. Hoje, também, os jovens precisam ver Jesus através de uma comunidade visivelmente unida, fraterna e alegre. Isso exige cuidar das relações pessoais e da comunicação fraterna.

Num mundo dividido e dilacerado, numa sociedade de massas em que as pessoas são freqüentemente tratadas como números, pode ser sempre muito significativo o testemunho de fraternidade evangélica, oferecido pelas nossas comunidades.

b. Testemunhar a alegria da vocação

“Ninguém poderá tirar a vossa alegria”³², diz Jesus. Somos chamados a viver e a comunicar a experiência de um dom recebido: “Seduziste-me, Senhor; e eu me deixei seduzir”³³; “Fui conquistado por Jesus Cristo”³⁴. “*Vidimus Dominum*”. Tivemos uma experiência de encontro, de descoberta, de “visão” do Senhor.

“A vivacidade desta experiência não deve diminuir com o aumento da idade ou o arraigar-se dos hábitos. Pelo contrário, ela é chamada a amadurecer e preencher a vida. Caso caísse, a vida religiosa perderia a sua motivação e arrastar-se-ia no funcionalismo, isto é, apenas na realização dos próprios deveres. Aconteceria a nós aquilo que acontece aos casais cansados, que continuam a conviver em paz, mas que não esperam dessa convivência nem novidade nem felicidade”³⁵.

Devemos fazer um exame para descobrir se algum cansaço, alguma desilusão tirou-nos, senão a vontade de viver seriamente a consagração, talvez a convicção e a iniciativa de propor a nossa vida aos outros de maneira eficaz. A alegria e o entusiasmo devem-nos levar a superar, em nossa vida ordinária e em nossas relações com os jovens e o povo, a lei do mínimo esforço ou do

³² Jo 16,23.

³³ Jr 20, 7.

³⁴ Fl 3,12.

³⁵ ACG 365, p. 15.

achatamento, e a proclamar os motivos de satisfação, contentamento, esperança, mais do que os de descontentamento, mau humor e desalento.

*c. Manifestar, em nosso modo de viver, o valor humano e educativo dos conselhos evangélicos*³⁶

Insiste-se, hoje, no significado antropológico dos conselhos: eles não limitam as pessoas, mas abrem um campo mais vasto às suas aspirações e energias. “A opção pelos conselhos, com efeito, – lemos na Exortação *Vita Consecrata* – longe de ser um empobrecimento de valores autenticamente humanos, propõe-se como a sua realização superior, a sua transfiguração... Assim, aqueles que seguem os conselhos evangélicos, enquanto buscam a santidade para si mesmos, propõem, por assim dizer, uma “terapia espiritual” para a humanidade, pois recusam a idolatria do criado e, de algum modo, tornam visível o Deus vivo”³⁷.

Isso exige de nós um esforço para vivê-los, não só com coerência e verdade, mas também em diálogo atento com a cultura atual, de modo que apareça com clareza o seu valor humanizante, particularmente diante dos jovens.

Nossas Constituições sublinham este *valor educativo* nos votos: A “obediência conduz à maturidade, fazendo crescer a liberdade dos filhos de Deus”³⁸. “O testemunho da nossa pobreza, vivida na comunhão de bens, ajuda os jovens a superar o instinto da posse egoísta e os abre ao sentido cristão da partilha”³⁹. A castidade “faz de nós testemunhas da predileção de Cristo pelos jovens, permite-nos amá-los sinceramente de modo que saibam que são amados, e nos torna capazes de educá-los ao amor e à pureza”⁴⁰.

³⁶ Cf. C 62-63.

³⁷ VC 87.

³⁸ C 67.

³⁹ C 73.

⁴⁰ C 81.

Como traduzimos estes valores na realidade de nossa vida comunitária?⁴¹. O que fazemos para que os conselhos evangélicos se tornem conteúdos educativos originais? Se os religiosos, nas obras educativas, no confronto com os leigos, tivessem apenas maior disponibilidade de tempo ou a posse das estruturas, a ela trariam bem pouco de substancial. Seria justificado o questionamento recorrente sobre o valor específico da sua presença na educação. É tarefa nossa, dos indivíduos e da comunidade, fazer com que a nossa *sequêla Christi* se torne energia, lição e proposta educativa não genérica, mas específica: diante da mentalidade e do uso dos bens, numa época marcada pelas finanças e pela economia; diante da orientação da sexualidade e do amor e do significado de liberdade, num tempo em que vigora o princípio do prazer e das opções individuais; diante da relação com Deus em cada passagem da vida, num momento em que parte da religiosidade é “desencarnada”, ausente.

Este *valor profético* manifesta-se também ao pronunciar-se sobre os grandes temas da história humana e do mundo juvenil, intervindo para criar opinião evangélica sobre a realidade e as situações. A profissão deve tornar-se anúncio, sereno, mas decisivo, dos bens que o Evangelho propõe para a sexualidade, a riqueza, a liberdade.

d. Animar espiritualmente a ampla comunidade educativa

Isso quer dizer ser sinais de Deus e educadores à relação pessoal com ele⁴² para jovens e adultos, indivíduos e instituições.

A manifestação mais evidente da nossa presença de consagrados nos ambientes educativos é a orientação de todos – destinatários e educadores – para o Pai. A consagração convida-nos a repensar e realizar o *evangelizar educando*; fórmula em que o evangelizar indica a finalidade e o verbo “educar”, o caminho global preferido.

⁴¹ Cf. também CG24, 152 e ACG 363, pp. 36-37.

⁴² Cf. C 62; CG24, 151 e 159.

Comunidades capazes de comunicar e compartilhar a espiritualidade salesiana, criar ambientes de intensa qualidade evangélica, encorajar os jovens para a santidade, oferecer às comunidades educativas motivações e experiências que animem e encorajem, apesar das limitações e dificuldades: são essas as comunidades que pensamos hoje, abertas e capazes de propostas, não desprovidas de uma identidade própria e de dimensões visíveis; justamente como Valdocco.

Muitos jovens e leigos deseja, hoje, “ver” e “participar” da nossa vida fraterna e tomar parte conosco na oração e no trabalho. Devemos orientá-la de tal modo que seja possível rezar com os jovens, compartilhar momentos de fraternidade e programação com os leigos colaboradores e, até mesmo, acolher alguns deles para fazer conosco uma experiência temporária de vida comunitária.

A nossa comunidade torna-se, pois, “fermento de novas vocações, segundo o modelo da primeira comunidade de Valdocco”⁴³.

Esta abertura pode ser realizada de diversas maneiras e com diferentes níveis complementares: através de um ambiente comunitário acolhedor e atento à qualidade das relações pessoais; com momentos intensos de comunhão e partilha entre nós, mesmo limitando outras ocupações e serviços, como sinal da importância da vida comunitária; falando sempre positivamente aos jovens e leigos sobre a nossa vida comunitária, os irmãos, os projetos comuns. Ela é, também, realizada eficazmente participando como comunidade das preocupações e projetos da comunidade educativo-pastoral, da obra e da comunidade humana do território; participando dos momentos mais importantes da vida do nosso contexto e dando com generosidade a nossa colaboração; oferecendo aos jovens e leigos momentos de partilha, dos quais todos os irmãos participam com interesse; cuidando da imagem externa da própria obra e da Congregação, e outras iniciativas semelhantes.

⁴³ C 57.

A ação pastoral da comunidade

Nossas comunidades, além de apresentar a vida salesiana e oferecer-se como espaço de experiência espiritual, desenvolvem uma ação educativo-pastoral. Há sobre isso, alguns aspectos a recordar para não errar direção e alvo.

Ajudar a viver a própria vocação, suscitar vocações de especial consagração – como acenado – é uma das *finalidades da missão da Congregação* e é, portanto, uma dimensão essencial de toda presença, projeto ou processo pastoral; é *o vértice da nossa ação educativo-pastoral* e a força que a orienta, lhe dá unidade e a qualifica. É como o eixo de todo o caminho, em cada uma de suas etapas.

O sujeito que garante esse trabalho é a comunidade salesiana, como responsável da genuinidade do projeto educativo e, junto dela, a CEP, convenientemente motivada e instruída pelo seu núcleo animador⁴⁴.

Um dos aspectos discriminantes entre as Inspetorias que têm um certo número de vocações, de acordo com as circunstâncias, e as demais em que se prolonga a esterilidade, é a presença na Inspetoria de comunidades ativas que se preocupam em descobrir meninos e jovens com aptidões, acompanhá-los para que amadureçam e, finalmente, chamá-los. Lá onde as comunidades simplesmente delegaram esse serviço a um encarregado, os resultados são magros.

Onde todos se empenham, colocando em jogo também os irmãos que estão particularmente predispostos para esse trabalho, vai-se recolhendo o pouco que cada presença pode dar. Hoje, sobretudo no mundo norte ocidental – mas o fenômeno vai-se estendendo –, não há lugares de onde tirar muitas vocações. É preciso recolher em todos os ambientes aquelas que Deus coloca em nosso caminho: diversas pela idade, condição, vivência religiosa, história pessoal, relação com a Congregação.

⁴⁴ Cf. CG24, 253.

A atenção vocacional é um *serviço fundamental*, primeiramente para cada jovem, para que ele consiga discernir o projeto de Deus e, assim, realizar a própria vida em plenitude: nesse sentido, é preciso desenvolver nele a disponibilidade para assumir a vida como dom e serviço, descobrir os dons e qualidades semeadas nele, despertar a responsabilidade pelos outros.

É também um serviço à Igreja. Ela torna-se sinal e instrumento de salvação, na medida que cada batizado lhe acrescenta novas possibilidades e energias. Deve-se, então, ajudar todo cristão a descobrir as riquezas da vocação à santidade e a ser co-responsável da missão na Igreja pelo mundo.

É um serviço, enfim, ao carisma salesiano, herança que recebemos de Deus para a Igreja e os jovens.

Somos responsáveis pela sua autenticidade e desenvolvimento. Este carisma une-nos na Família Salesiana, cujos diversos grupos são reciprocamente enriquecidos mediante o intercâmbio dos diversos modos de vivê-lo, dando uma contribuição original ao conjunto. Com alegria, procuramos comunicar a outros as diversas formas (religiosa, sacerdotal, secular, masculina, feminina) de assumir a espiritualidade salesiana, cuidando juntos da proposta vocacional⁴⁵.

Vê-se, daquilo que dissemos, a *estreita ligação entre Pastoral Juvenil e orientação vocacional* a estabelecer-se intencionalmente e traduzir na ação.

Desde o início, a pastoral juvenil está orientada para um objetivo: tornar o crente atento ao chamado do Senhor e pronto a responder-lhe. Tornar “vocacional” toda a pastoral é fazer com que cada uma de suas expressões leve a pessoa a descobrir o dom de Deus em sua vida – fé, pertença à Igreja, qualidades particulares recebidas, a própria vocação-missão – ajudando-a a reconhecê-lo, desenvolvê-lo, colocá-lo a serviço da comunidade.

O trabalho com os jovens em cada presença, perseguindo o objetivo fundamental acima enunciado, deve *privilegiar algumas opções*.

⁴⁵ CG24, 143.

Coloco em primeiro lugar a *atenção preferencial às pessoas*, mais do que a realização de programas preparados, a transmissão de conteúdos intelectuais, a preocupação dominante da administração ou a manutenção das estruturas. Atenção às pessoas quer dizer aproximar-se delas, conhecê-las, torná-las amigas, estimulá-las a assumirem um projeto de vida.

Junto disso, deve-se colocar o *primado da evangelização*, fazer com os jovens conheçam a Cristo, motivá-los a deixar-se iluminar e interpelar por Ele, orientá-los para o encontro com Ele e para uma adesão sempre mais convicta ao sentido da vida que Ele revela. Una-se a isso o caminho de educação unitário e progressivo, que ajude a personalizar a fé e os valores do Evangelho, como bem o descreveu o CG23 que, a partir do encontro com Cristo indicava, com abundância de sugestões, o encaminhamento dos jovens ao trabalho pelo Reino⁴⁶.

É importante nesse percurso a participação ativa dos próprios jovens, estimulados a questionar-se e refletir, convidados a exprimir-se e deixar-se ajudar pelo desejo de provar-se e ousar na vida radical em conformidade com o Evangelho.

Pode acontecer que, levados por uma multidão de atividades, preocupados com as estruturas e atarefados na organização, corramos o risco de perder de vista o horizonte da nossa ação e aparecer como ativistas ou “agitadores” pastorais, gestores de obras ou estruturas, benfeitores admiráveis, mas pouco como testemunhas explícitas de Cristo, mediadores da sua ação salvífica, formadores de almas, guias na vida da graça.

Urge que se dê hoje, em cada presença nossa, o primado à evangelização, através da manifestação clara e explícita das motivações evangélicas da nossa ação, do anúncio da pessoa de Jesus, do contato direto e pedagogicamente preparado com a Palavra de Deus, dos momentos de celebração e oração pessoal e comunitária, dos encontros e comunicações significativas com pessoas de fé e comunidades cristãs ou com aqueles que estão em busca.

⁴⁶ Cf. CG23, 149-156.

Sublinhe-se, ainda, que a orientação vocacional de que estamos falando é feita *segundo alguns critérios*. São eles: não estar exclusivamente a recolher candidatos para um determinado tipo de vida, mas – sem descuidar da pastoral vocacional específica – propor-se, sobretudo, a fazer um *serviço de orientação a todos os jovens*; favorecer em âmbito eclesial e civil a *cultura vocacional*, isto é, a visão da vida como dom e serviço, mais do que um desejo excessivo de realização individual, como se todo o esforço pessoal devesse consistir em chegar a ser alguém; sugerir e desenvolver *algumas atitudes humanas e evangélicas fundamentais* em vista de uma opção responsável na linha do serviço, como a capacidade de gratuidade e doação, de relação e diálogo, de colaboração e partilha. Deve-se abrir, por último, o panorama vocacional da Igreja, também através de encontros e contatos que a façam conhecer de perto como portadores e testemunhas eminentes.

Pode-se insistir ainda sobre *algumas instâncias particularmente importantes* para que a nossa ação pastoral não fuja da intenção, da alma e do objetivo vocacional que a deve guiar.

– *Toda comunidade salesiana é a primeira e principal responsável pela animação vocacional dos jovens com os quais trabalha. Insisto que a orientação vocacional não é competência só de alguns irmãos que receberam um encargo especial, mas uma dimensão qualificante da ação educativo-pastoral de toda a comunidade e de cada salesiano, como recordava-nos o CG23*⁴⁷.

Os jovens devem experimentar a comunidade salesiana, não só como grupo de trabalho em vista de um serviço em favor deles, mas, sobretudo, como comunidade fraterna e de fé, desejosa de comunicar a própria experiência singular, capaz de contagiar a sua vocação: esta é a proposta vocacional primeira e mais eficaz.

⁴⁷ Cf. CG23, 247ss.

– *Não deixemos de orar constantemente pelas vocações, e desejá-las.* É a lição de Jesus e a sua reação diante das multidões que o seguiam e o exíguo grupo de apóstolos que deviam colaborar com Ele na missão. Antes de enviá-los, pede-lhes que rezem ao Pai para que multiplique os operários: “Ao ver as multidões encheu-se de compaixão por elas, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor. Então disse aos discípulos: ‘A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para sua colheita...’. Chamando os doze discípulos, deu-lhes poder de expulsar os espíritos impuros e curar todo tipo de doença e de enfermidade...”⁴⁸.

A comunidade que não reza incessantemente pelas vocações, envolvendo outras pessoas, especialmente os jovens, não pode viver plenamente o mandato apostólico de Cristo.

A Diocese de Roma viveu uma reviravolta vocacional, que tem tido como eixo as quintas-feiras de oração pelas vocações, das quais participam também os jovens. É certo que o Senhor nos pede também para trabalhar. As noites de pesca sem Ele, porém, são cansativas e estéreis!

– *Tratar-se-á, depois, de ser capazes de fazer propostas.* Temos, às vezes, um certo pudor – uma espécie de temor – quanto à aceitação que poderia ter o discurso vocacional feito por nós, ou somos movidos por um falso respeito pela liberdade dos jovens. Isso impede-nos de fazer-lhes propostas claras e explícitas, que, de outro lado, eles recebem com abundância do ambiente circunstante e, muitas vezes, com escasso sentido educativo. Perdemos nos primeiros passos dos processos, chegamos à formação cristã muito genérica, quase *new age* e pouco personalizada, com escassos estímulos e acompanhamento daqueles que buscam mais e tendem para metas mais altas.

⁴⁸ Mt 9, 36-10,1.

Escrevia o P. Egídio Viganò: “O testemunho silencioso e o convite implícito nem sempre bastam para despertar as vocações. [...] Houve e, infelizmente, talvez persista em alguém, a dúvida e a negligência de querer exprimir abertamente, de forma oportuna, o convite pessoal. Não fazê-lo resulta, de fato, num pernicioso ‘silêncio vocacional’; poder-se-ia falar também de cobardia ou de inconsciência quanto ao próprio ministério, porque o jovem cristão tem, objetivamente, o direito de conhecer as propostas vocacionais da Igreja”⁴⁹.

Pode-se ser capazes de propostas, também, através do cuidado dos ambientes em que se vive com clareza e com alegria o projeto de Jesus, segundo as diversas opções vocacionais, com uma atitude positiva diante do mundo dos jovens, dos pobres e, em geral, dos valores humanos; onde há a oferta de propostas de espiritualidade a quem estivesse disponível, como a iniciação à oração, à escuta da Palavra, à participação dos sacramentos, à liturgia e à devoção Mariana; onde são promovidos os grupos e associações no Movimento Juvenil Salesiano, lugares privilegiados de amadurecimento cristão e vocacional; e onde se faz experiência de trabalho, gratuidade, voluntariado. Não se devem negligenciar o cuidado pelos ministérios eclesiais – também litúrgicos, como ajudantes, animadores, leitores e orientadores da assembléia litúrgica – e o convite pessoal ao cultivo da vocação através da participação em alguma comunidade de referência vocacional.

– Num contexto de primeira evangelização ou de re-evangelização assume uma importância especial a significatividade da Igreja e, portanto, a nossa participação na *animação da comunidade cristã* que deve fazer-se presente no ambiente, particularmente entre os jovens. Se ela apresenta-se como capaz de proposta e próxima dos jovens do ponto de vista social, cultural e religioso, também a proposta vocacional torna-se mais viável. Apóie-se, portanto, a formação e o desenvolvimento de um núcleo robusto de co-responsáveis capazes de propostas específicas, exigentes e profundas.

⁴⁹ ACG 339, p. 29

Acompanhar

O acompanhamento demonstrou-se determinante no caminho educativo e pastoral que coloca no centro a pessoa do jovem. De maneira singular, no sistema educativo salesiano, que se funda na presença do educador entre os jovens e na relação pessoal baseada no conhecimento e interesse recíprocos, na compreensão e confiança.

Dom Bosco foi seu mestre incomparável. As principais expressões do seu querer saber acompanhar são a busca de contatos com o jovem em seu ambiente, o colóquio educativo, a direção espiritual, o encontro sacramental.

Percebeu-se, em nosso tempo, a urgência de acompanhar, ser interlocutor válido, pela complexidade dos problemas que os jovens enfrentam e pela atenção pessoal que exigem.

Convém ir, portanto, além do trabalho de massa (embora válido e indispensável) e acompanhar cada um segundo o nível a que chegou, sobretudo os que manifestam desejo e vontade de progredir no caminho de educação na fé. Essa realidade desafia a nossa preparação.

Sabemos fazer catequese; conhecemos, porém, os percursos da graça para saber indicar os hábitos a abandonar e aqueles que se devem assumir? Concedemo-nos tempo para orientar não numa vaga religiosidade, mas na vida espiritual, aqueles que o desejam? Dom Bosco deu a Domingos Sávio algumas indicações para um percurso de santidade; como sentimo-nos a respeito?

Para evitar equívocos e para tranquilidade, é bom recordar que, quando falamos de acompanhamento, não nos referimos apenas ao diálogo individual, mas a todo o tecido de relações pessoais que ajudam o jovem a interiorizar os valores e as experiências vividas, a adequar as propostas gerais às próprias condições, a esclarecer e aprofundar motivações e critérios.

O acompanhamento inclui, então, o ambiente educativo promovido pela comunidade salesiana para favorecer a interiorização das propostas educativas e, relacionado com ela, o crescimento vocacional, a presença entre os jovens, com vontade de conhecê-los e participar com confiança da vida deles, cuidada por toda a

comunidade e cada irmão, a promoção de grupos onde os jovens são acompanhados pelo animador e encorajados pelos próprios companheiros.

Há um campo importante para o acompanhamento, possível à maior parte dos irmãos: são os contatos breves, ocasionais, que demonstram interesse pela pessoa e pelo seu mundo; a atenção educativa a determinados momentos de significado especial para o jovem; os momentos sistemáticos de diálogo pessoal, segundo um plano preestabelecido, ao redor de um projeto de vida simples, mas exigente; o contato com a comunidade salesiana, para participar e aprender dela a vida de oração, a fraternidade e o estilo de apostolado.

Quais opções dever-se-iam privilegiar para que exista em nossas obras uma atenção preferencial aos indivíduos e oportunidades diversificadas de contato e diálogo pessoal?

Algumas áreas de atenção especial

Tempos atrás, e depois de não poucas ambigüidades no pensamento e na ação, afirmou-se a distinção entre pastoral vocacional geral, para todos, e pastoral vocacional específica, que busca descobrir e acompanhar as vocações de especial significado na dinâmica do Reino.

Devemos promover todas as vocações na Igreja. Hoje, porém, afirma o documento “Novas vocações para uma nova Europa”, existem algumas vocações que exigem uma atenção especial de nossa parte. “Num tempo, como o nosso, necessitado de profecia, é sábio favorecer as vocações que são um sinal particular daquilo que seremos e ainda não nos foi revelado”⁵⁰, como as vocações de especial consagração.

É sábio, também, e indispensável, favorecer o aspecto profético típico de cada vocação cristã, compreendida a laical, para que a

⁵⁰ *1Jo* 3,2.

Igreja, perante o mundo, seja sempre mais sinal das coisas futuras, daquele Reino que “já existe agora, mas não ainda”⁵¹.

– *A vocação à vida consagrada*

Nossa sociedade, e com frequência, a própria comunidade cristã, não têm um conhecimento adequado da vida religiosa para entender o seu sentido e valor.

Nossa forma de viver a vida consagrada perdeu visibilidade e, em não poucos aspectos, parece indecifrável. Isso torna-se ainda mais preocupante diante da crescente presença dos leigos na Igreja e, para nós, na missão salesiana. É verdade que eles podem dar muito, mas é igualmente verdade que Dom Bosco quer uma comunidade de consagrados no centro da sua família.

A proposta vocacional salesiana exige hoje, então, mais do que no passado, que se viva e apresente, na fidelidade ao projeto de Dom Bosco, uma figura de consagrado, que seja significativa para os jovens e faça emergir os aspectos fundamentais da vida consagrada, mais do que os ministeriais ou funcionais.

Não é suficiente falar de Dom Bosco e da missão salesiana, mas deve-se apresentar também a importância e o valor que a vida em Deus têm no projeto de Dom Bosco, como ponto preciso de referência do carisma. “Dom Bosco quis pessoas consagradas no centro de sua obra, orientada à salvação dos jovens e sua santidade... Com a própria dedicação total eles haveriam de dar solidez e impulso apostólico à continuidade e expansão mundial da missão”⁵².

– *A vocação à vida laical e familiar*

Nossa ação educativo-pastoral é, muitas vezes, pouco propositiva do ponto de vista das saídas vocacionais. Parece que nos preo-

⁵¹ Cf. “Novas vocações para uma nova Europa”, n. 22.

⁵² CG24, 150.

cupam somente algumas opções especiais de vida, e que a vida laical e familiar não é considerada como uma verdadeira vocação.

Muitos jovens empenhados e disponíveis, casais de noivos e jovens esposos, universitários e jovens trabalhadores pedem-nos para ser acompanhados com mais atenção nos momentos de sua busca e opção vocacional. A Pastoral Juvenil e a animação vocacional devem apresentar, por isso, a esses jovens, os diversos modelos vocacionais na Igreja, dando o justo valor à opção vocacional à vida laical e familiar. Nós mesmos precisamos valorizar mais o matrimônio como uma verdadeira vocação e trabalhar no acompanhamento dos jovens em seu caminho de discernimento e amadurecimento dessa opção.

– Os jovens adultos: animadores e voluntários

São jovens que compartilham generosamente muitos aspectos da missão salesiana, têm uma vontade autêntica de serviço e estão em busca de um projeto de vida significativo para eles, embora, depois, caberá a eles mesmos enfrentar o caminho de realização do primeiro sonho. É preciso ajudá-los para que a experiência de animação ou voluntariado seja de peso e abertura vocacional, e os estimule a pensar a própria vida segundo o Evangelho e o plano de Deus sobre eles.

Isso exige de nós o empenho para que cada um deles possa aprofundar a fé e refletir sobre as próprias experiências de animação, dando-lhes oportunidades concretas de acompanhamento pessoal e facilitando propostas de momentos fortes de espiritualidade e vida cristã. Pode acontecer, às vezes, que estejamos mais preocupados com a sua ação de serviço do que com suas pessoas e seu desenvolvimento vocacional.

– As famílias

Outra categoria de pessoas, que me parece importante relacionar com a animação vocacional, são as famílias. Muitas delas, mesmo cristãs, devido a causas e situações diversas, têm dificuldade

para compreender, respeitar, encorajar e promover a opção vocacional dos filhos e filhas. Pensam, muitas vezes, em seu futuro com critérios diversos, se não contrários aos valores evangélicos que constituem a cultura vocacional. É importante de nossa parte, então, conhecer e interessar-nos pela experiência familiar vivida pelos nossos jovens, acompanhar e ajudar os pais em sua responsabilidade de educadores da fé, aprofundar com eles o sentido da vocação e interessá-los no caminho educativo e pastoral que se vai propondo a seus filhos. Há na Congregação exemplos admiráveis de famílias que se reúnem para apoiar com a oração e o acompanhamento a vocação dos filhos: são iniciativas a promover!

O anjo anunciou a Maria

Concluo, como sempre, com uma referência mariana.

Entre as vocações bíblicas, a de Maria não é só a mais determinante na história, como também aquela bordada com mais luz e simplicidade. A narração é construída com acenos da Bíblia, que se referem a antigas esperanças, exprimem expectativas atuais e antecipam os sonhos de salvação do homem. Maria, que personaliza a humanidade, ressentente-se disso tudo, e é chamada a colocar-se à disposição de Deus para realizá-lo.

Detemo-nos, muitas vezes, nas atitudes e palavras de Maria. E com razão. Ela é ícone da Igreja e modelo de disponibilidade.

Há, na Anunciação, *uma imagem de Deus*. Um discutido filme procurou explorá-la. Trata-se de um Deus “pessoal” que acompanha as vicissitudes do homem e o salva com seu amor através de intervenções e mediadores reconhecíveis.

Deus manda um anjo: comunica-se a Maria, como em muitas páginas bíblicas, por meio de um mensageiro e de uma voz que ressoa, mais interiormente do que exteriormente. Deus faz-nos conhecer os seus desígnios não só, e talvez nem principalmente, em momentos solenes ou com modalidades vistosas, mas na vida ordinária. A anunciação acontece em Nazaré, numa casa particular, a uma jovem noiva, que faz a experiência humana do amor, da família e da responsabilidade.

Ouviremos Deus em nós mesmos no decorrer da vida e no desenvolver-se dos trabalhos. Vendo ao nosso redor meninos e meninas, porém, deveremos pensar que também está acontecendo em seu coração uma comunicação com Deus. As mediações são importantes, mas na história da salvação, o Senhor muitas vezes não fez caso delas, como no caso de Abraão, Samuel e no de Maria. Talvez tenha sido esta uma das experiências do *Fórum 2000* e da *Jornada Mundial da Juventude*. O Senhor precedeu-nos na mente e nos desejos de muitos jovens.

Deus tem, ainda, o poder misterioso de tornar fecundo o que, aos olhos humanos, é estéril, limitado ou perdido. E trata-se de uma fecundidade não comum, mas preciosa, da qual têm origem os filhos de Deus.

Este é um convite a rever a nossa fé na ação e na energia do Espírito. Justamente como uma virgem pode conceber um filho, assim também o nosso mundo, aparentemente estéril, pode – por obra do Espírito – ser fecundo de possibilidades que nem ousaríamos sonhar.

Detemo-nos, muitas vezes, a perscrutar a alma de Maria através de sua postura e palavras, para descobrir alguma coisa além da cena exterior. Entendemos que o mais importante e misterioso acontece em seu coração e em sua mente. Sua conversação com o anjo, trate-se de revelação, visão, audição ou apenas inspiração interior, é particular e escondida. É, certamente, atenção à própria vida, escuta atenta em forma de discernimento daquilo que ressoava em seu interior. É diálogo confiante com Deus quanto ao seu destino; é disponibilidade à proposta de Deus; é entrega confiante a Ele para a realização daquilo que lhe está sendo pedido, para as etapas intermediárias e para o resultado final.

Há, em cada vida, uma anunciação, ou melhor, várias e relacionadas: elas propõem uma novidade, iluminam a compreensão e convidam a abrir-se à esperança.

A anunciação recorda-nos que a nossa resposta a Deus, dócil, confiante e contínua, é pessoal. O homem e a mulher nada produzem que, antes, não tenha sido concebido e amadurecido interiormente. Pensamentos, sentimentos, desejos, projetos, acontecimen-

tos são elaborados em nosso coração. Ali há o santuário de Deus. A partir daquele santuário Maria confessa seu propósito de virgindade, sua disponibilidade, sua entrega confiante.

O Espírito não age por força, nem mecanicamente, mas por sugestão, diálogo interior, inspiração: usa todo o tempo necessário para fazer uma obra completa e bem combinada, com calma, em ritmo humano.

É também o nosso percurso e aquele que ajudamos os jovens a trilhar. Conceda-nos Maria que saibamos “amplificar” e ser mediadores da palavra pessoal do Senhor que ressoa, nem sempre compreensível, no coração dos jovens.

São estes os votos que, com minha saudação fraterna, desejo lhes fazer: a reflexão sobre o tema do próximo Capítulo Geral reforce a capacidade vocacional de cada comunidade e de cada irmão.

Com a proteção de Dom Bosco e da Auxiliadora,



P. JUAN E. VECCHI
Reitor-Mor